A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

SELMA JORGE COSTA MIRANDA

RESUMO

Atualmente, o desenvolvimento na primeira infância é uma grande preocupação, inclusive na sua manifestação artística. O papel do professor de artes precisa estar voltado à criança, objetivando o desenvolvimento da mesma, instigando e propiciando a expressão da criança e também valorizando sua produção artística. A presente pesquisa enfocará o respeito ao trabalho da criança, onde a partir do momento que o professor dá condições para a criança criar, colabora com sua aprendizagem e com o seu desenvolvimento em articular o ver, o ouvir, o sentir, o experimentar com o que está vivenciando não só na escola, mas em todas as suas relações sociais. Quando o professor de artes assume um papel formador auxilia na diversificação sensível e cognitiva da criança, propiciando resultados muito positivos no desenvolvimento das mesmas.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento Infantil; Arte; Educação.

1. INTRODUÇÃO

A criança serve-se de diversas maneiras para expressar suas experiências. Estas acompanham o crescimento das crianças, como uma autoidentificação, onde envolve suas mudanças intelectuais, sociais, emocionais e psicológicas.

A arte quando surge da expressão representa um papel importante no desenvolvimento do "eu", da criança, que merece uma grande atenção dos professores.

O desenho e a pintura da criança, no momento em que esta desenha livremente, transportam para o papel seu estado anímico, em todos os detalhes, e é por isso que o seu desenho nos transmite através da observação, caráter, personalidade e temperamento, muitas vezes até suas necessidades.

A criança é criativa quando consegue realizar suas potencialidades como ser humano, conseguindo demonstrar esta criatividade através da expressão verbal, corporal, do desenho, da música, brincadeiras, etc. Quando lhe é permitido fazer aquilo que sente e quer expressar e não da maneira que o professor ou o adulto acham que é certo e bonito.

É importante que a criança tenha iniciativa e independência quando lhe é dada oportunidade de escolher o seu trabalho. Ela conquistando a expressão dos seus sentimentos através do desenho e pintura fica motivada ao sentir a valorização de sua obra, a partir do momento que consegue criar, recriar sua atividade.

Com seis, sete anos de idade, a criança tem sim muita iniciativa e é criativa sem seus trabalhos. Muitas vezes, por esta faixa etária ser composta por alunos que estão praticamente iniciando no Ensino Fundamental, alguns profissionais ainda não se conscientizou da importância da livre manifestação da criança em vez de atividades que são exclusivamente modelos prontos e mera reprodução, acabam podando a iniciativa e a criatividade desta criança desde a mais tenra idade. Por isso é importantíssimo valorizar o trabalho da criança, dar condições para que ela crie e se expresse; incentivar sua independência além de estar propiciando sua manifestação artística. Com esta postura perante o trabalho da criança, o professor estará auxiliando também no desenvolvimento de outros aspectos da criança: os seus sentimentos, sua interação com os amiguinhos, com os professores e com ambiente escolar, a sua autoestima e a sua imaginação.

O desenho que a criança faz é o esforço que tem em colocar seus sentimentos e pensamentos no papel, muitas vezes não se importando em expressar o mundo real. A partir dos seis anos os desenhos começam a ser reconhecíveis onde a criança já tem ideias claras do que quer desenhar.

Os educadores têm um papel importante de condutores, conscientizadores da realidade, indicando-lhes as necessidades de constantes elogios e de questionamentos que levam a criança a perceber a distância entre o seu desenvolvimento e a realidade buscando aprimorar-se.

Todo individuo faz parte da história da humanidade e como tal também escreve e se inscreve nesta história coletiva.

Ninguém nasce sabendo tudo, também se pode dizer que quando a criança chega na escola ela não pode ser comparada a uma folha de papel em branco, onde o professor ao seu gosto vai imprimindo o que achar importante e conveniente o aluno aprender. Longe disso. Com a idade de 6, 7 anos, a criança já tem desenvolvido alguns aspectos que servirão como uma boa bagagem que o professor poderá explorar a fim de conhecer mais o aluno, saber mais sobre ele, ter uma noção da sua coordenação motora, do seu conhecimento sobre as cores, da sua atitude perante as linhas, as formas, seu juízo estético bem como suas preferências. Indo além do que será manifestado no papel, a forma como o aluno se comunica verbalmente, e também sua linguagem corporal, sua efetiva participação nas rodas de conver-

sa, dramatizações, danças e leituras de histórias devem ser observadas pelo professor a fim de como mediador precisa considerar todos os aspectos e, não só despejar nos alunos os conteúdos a serem aprendidos e reproduzidos por eles.

Esta pesquisa foi elaborada em cima de como trabalhar arte com alunos. As aulas são baseadas em datas comemorativas, mas o professor não dá espaço aos alunos, para desenvolver seus próprios trabalhos. Como por exemplo, no Dia das Mães, o docente já entrega pronto para o aluno pintar ou já compra pronto.

Na instituição de ensino o aluno tem limitação da criação quanto seres artísticos, que são descriminados e desvalorizados pelos educadores e adultos que estão ao seu redor, eles acreditam que os alunos não são capazes de expressar livremente seus sentimentos.

2. HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL

Considerando que a História do Ensino no Brasil implica na contemporaneidade, os registros devem ser revisados, buscando as origens de nossa cultura, o processo de desenvolvimento, os equívocos e o que ficou de melhor em todo este percurso histórico, para assim analisarmos reflexivamente o contexto atual contemporâneo.

Ao longo da História, houve avanços industriais e tecnológicos, na extração dos recursos naturais do nosso país, nas relações sociais e políticas e principalmente na construção de nossa cultura heterogenia, formada pelos imigrantes que fizeram parte da colonização. Todos estes fatos influenciaram de forma significativa o desenvolvimento e processo educacional.

O foco da Escola Nacional de Belas-Artes era o ensino do desenho puramente como cópia, por meio de modelos europeus. A expressão da criança não podia ser manifestada, de modo que reprimia seus sentimentos, assim como sua imaginação. Esta realidade comprometia, inevitavelmente, a criatividade e até mesmo o desenvolvimento cognitivo.

Em Minas Gerais, o Barroco era o movimento em destaque, porém os franceses trouxeram como novidade o Neoclassicismo que foi aceito pela elite e governantes sendo visto como o "moderno", porém disponível somente para os privilegiados economicamente que descartavam novas ideias ridicularizando manifestações artísticas que não se enquadrassem nos padrões estabelecidos. Nesta época, o ensino pautava-se em uma concepção autoritária, na qual o valor estava no objeto, ou seja, no produto final.

As regras eram estabelecidas firmemente pelo professor, que cuidavam para que os alunos as cumprissem sem questionamentos, exercendo autoridade máxima na relação entre aluno e professor. Fusari e Ferraz (2010, p. 25) comentam que

> Na pedagogia tradicional o processo de aquisição dos conhecimentos é proposto através de elaborações intelectuais e com base nos modelos de pensamento desenvolvidos pelos adultos, tais como análise lógica, abstrata. Na prática, a aplicação de tais ideias reduz-se a um ensino mecanizado, desvinculados dos aspectos do cotidiano, e com ênfase exclusivamente no professor que passa para os alunos "informações" consideradas verdades absolutas.

Para a fixação e memorização de conteúdo, usa exercícios maçantes e muitas vezes não proporciona experiências significativas que aproximem a teoria da prática. Vestígios do ensino tradicional persistem até hoje. Fusari e Ferraz (2009, p.

45) afirmam:

> Nessa concepção tradicional de educação, o que vale sempre é o produto a ser alcançado: é mais importante o resultado dos trabalhos do que o desenvolvimento dos alunos em artes. [...] Do ponto de vista metodológico, os professores, seguindo essa "pedagogia tradicional" (que permanece até hoje) encaminhavam os conteúdos através de atividades a serem fixadas pela repetição e tinham por finalidade exercitar o olho, a mão, a inteligência, a memorização, o gosto e o senso moral.

O surgimento da Escola Nova, entre 1950 e 1960 ocasionou determinadas mudanças na educação, as quais receberam influência do desenvolvimento súbito da indústria e relações políticas.

Esta pedagogia, nas aulas da arte, direcionava o ensino para a livre expressão. O aluno tinha liberdade para realizar seus trabalhos, não se restringindo aos modelos determinados. O processo criativo era totalmente valorizado com a intenção de desenvolver a criatividade sem preocupações com o resultado final.

A função do professor era oportunizar situações em que o aluno revelasse seus sentimentos, desenhando, pintando, "fazendo". A individualidade do aluno era valorizada. Neste sistema de concepção espontânea, no qual o processo artístico deveria nascer do aluno, perdeu-se o direcionamento do conteúdo e simultaneamente a qualidade de aprendizagem. A avaliação consequentemente não apresentava coerência, pois não estava pautada em objetivos ou critérios.

Três autores/professores se destacaram por suas ideias e pesquisas na educação brasileira voltada ao Ensino de Arte, consolidando a Pedagogia Nova do século 20,

entre eles merecem destaque: John Dewey (1900), Viktor Lowenfeld (1939) e Herbert Read (1943) o qual colaborou para formação de um dos movimentos mais importantes no ensino artístico.

Em nosso país, Augusto Rodrigues, com estrutura nos princípios da

"Educação Através da Arte" organizou a criação da "Escolinha de Arte do Brasil", no Rio de Janeiro em 1948, estruturada nos princípios do livro de Read. Segundo Ferraz e Fuzari (2009, p. 49), nas palavras de Augusto Rodrigues, a Escola Nova:

Via o aluno como ser criativo, a quem se devia oferecer todas as condições possíveis de expressão artística, supondo-se que, assim, ao "aprender fazendo", saberiam fazê-lo, também, cooperativamente na sociedade. O ensino da arte, portanto, direciona-se para a expressão livre da criança e o reconhecimento de seu desenvolvimento natural. O movimento modernista favorece muito essa nova interpretação e surgem debates da livre expressão como um fator da formação artística e estética.

A espontaneidade e liberdade do aluno em produzir durante a Pedagogia Nova é o que deve ser considerado, por outro lado os vestígios da falta de planejamento e orientação deste momento, também são características entre professores nos dias de hoje, que não se preocupam em organizar conteúdos e metodologias que possibilitem a aprendizagem baseado nas dimensões científica, filosófica e artística do conhecimento na área de arte que por sua vez não podem ser desvinculados, pois são frutos da relação entre o mundo, o homem e o conhecimento.

As aulas de artes passam a ter um sentido terapêutico, como algo para relaxar, se descontrair, perdendo em qualidade e oportunidade de construção de conhecimento científico. Na tendência tecnicista, a escola se dedica em produzir indivíduos competentes para o mercado de trabalho.

O professor tem papel de especialista para transmitir esses conhecimentos, sua prática é extremamente controlada. Contudo, o professor torna-se neutro aos seus conteúdos e a educação se desenvolve por meio dos aspectos estruturais das salas de aula que devem estar bem equipadas para que o aprendizado consequentemente aconteça.

A escola está diretamente relacionada com o sistema produtivo, ou seja, o capitalismo, formando mão de obra especializada para o mercado de trabalho. Como afirma Libâneo (2006, p. 28):

A educação escolar compete organizar o processo de aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos específicos, úteis e necessários para que os indivíduos se integrem na máquina do sistema social global. [...] A escola atua, assim, no aperfeiçoamento da ordem social vigente, articulando-se diretamente com o sistema produtivo [...] seu interesse imediato é o de produzir indivíduos "competentes" para o mercado de trabalho.

Fusari e Ferraz (2009, p. 52) descrevem que na Pedagogia Tecnicista a atitude do professor:

Tende a ser responsável por seu planejamento, que deve se mostrar competente e incluir os elementos curriculares essenciais: objetivos, conteúdos, estratégias, avaliação. A dinâmica do ensino aprendizagem é questionada, pois o elemento principal é o sistema técnico de organização de aula e do curso. [...] Faz parte ainda deste contexto tecnicista a recomendação do uso abundante de recursos tecnológicos, audiovisuais, sugerindo uma "modernização" do ensino.

Nessa perspectiva, trata-se do sistema capitalista que necessita de produtividade e de pessoas capacitadas para o mercado de trabalho.

Diante deste contexto, fica a cargo da educação estimular atividades de pesquisa e descobertas, o professor é responsável por aplicar essas técnicas e atividades, dessa forma, educar com a intenção de produzir indivíduos competentes para suprir a necessidade do sistema, ou seja, do mercado de trabalho.

Em consequência, o ensino da arte é direcionado a uma concepção mecanicista moldando agentes para produção, desconsiderando os objetivos da arte na escola, competências e habilidades realmente significativas para o processo de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo do sujeito.

É possível verificar por esta breve retrospectiva da história do ensino da arte no Brasil, que muitos vestígios negativos das tendências anteriores nos restam nas aulas de arte em nossas escolas.

Porém, não se deve desconsiderar os procedimentos pedagógicos e experiências anteriores, é importante buscar o equilíbrio, bom senso e a coerência entre as relações de ensino-aprendizagem.

Relacionar os registros da história do ensino da arte com o processo de desenvolvimento na atualidade, associando-os aos problemas e dificuldades da educação em todo seu contexto, nos leva a conhecer as diferentes linguagens de manifestações artísticas, valorizando as diversidades culturais e compreendendo os princípios e valores éticos da sociedade contemporânea a fim de articular o fazer e o conhecer com reflexão, flexibilidade e sensibilidade.

Podemos, assim, entender os princípios conceituais da metodologia do ensino de artes e consequentemente realizar uma avaliação dialética que proporcione uma averiguação de conhecimentos, como também

de um processo do desenvolvimento do educando, compreendendo que o mesmo está em constante transformação e esse utiliza de recursos expressivos que consistem em todo processo educacional o que pode colaborar com o desenvolvimento e expansão da capacidade de compreender a arte.

3. A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Arte e a Educação, conforme Fusari e Ferraz (2009), o representar, por meio da arte, é sinônimo de expressão que permite orientar e ressignificar situações diárias, de maneira menos alienada, mais crítica e sensibilizada. Assim, a arte age como formadora de mentes pensantes, possibilitando que qualquer cidadão que tenha acesso ou pratique algum meio artístico, consiga observar e analisar profundamente os fatos grupais e individuais, mostrando a relevância que cada um deve configurar dentro da sociedade. A Arte, enquanto disciplina escolar abrange os segmentos de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro (BRASIL, 1997), nessas quatro áreas há inúmeras possibilidades de conteúdos permitindo ao aluno exprimir-se, manifestar-se, comunicar-se e desenvolver-se por meio da fruição alcançada com os estudos. A partir de estudos históricos, práticos e técnicos, a práxis educativa transforma-se em constante incentivador do desenvolvimento dos educandos.

Conforme Barbosa, isso permite analisar "a ideia de que a Arte na educação tem como finalidade principal permitir que a criança expresse seus sentimentos e a ideia de que a Arte não é ensinada, mas expressada". (1979, p.46).

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (BRASIL, 1997, p. 19)

A Arte tem por objetivo promover uma educação humanizadora e transformadora, construindo formadores de opinião, se trabalhada e atribuída corretamente a cada faixa etária com atividades e exercícios expressivos e estimulantes. Porém, nota-se que a educação em Arte, mesmo inserida há tempos nos currículos escolares, ainda não é trabalhada de maneira apropriada, tanto por se ponderar que é uma ocasião para recreação, quanto pela própria preparação dos professores. Nesta mesma perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais salientam que o ensino de Arte favorece o relacionamento do aluno com as outras disciplinas do currículo, exemplificando que: O aluno que conhece arte pode estabelecer relações mais amplas quando estuda um determinado período histórico. Um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático. (BRASIL, 1997, p. 19) É neste sentido que a disciplina de Arte não pode ser vista como um momento de entretenimento ou recreação. Como as demais disciplinas do currículo, em Arte existem objetivos a serem alcançados por meio de métodos que visam o aprendizado. Os PCNs, reconhecendo as dificuldades enfrentadas pelos professores polivalentes, afirmam que:

Sem uma consciência clara de sua função e sem uma fundamentação consistente de arte como área de conhecimento com conteúdos específicos, os professores não conseguem formular um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica; não há material adequado para as aulas práticas, nem material didático de qualidade para dar suporte às aulas teóricas. (BRASIL, 1997, p. 26).

O cotidiano da escola de Educação Infantil é permeado por práticas expressivas com linguagens artísticas. Essas linguagens são instrumentos de comunicação usuais na ação da criança sobre o mundo e no fazer pedagógico do professor. Os professores, para atender às demandas de comunicação com as crianças, fazem usos das linguagens artísticas voltadas para os mais variados objetivos. No entanto, mesmo fazendo parte do dia a dia as linguagens artísticas são, na maioria dos casos, articuladas pelo professor intuitivamente e/ou inconscientemente como algo já incorporado ao trabalho e sobre o qual não é necessário refletir.

Nesse contexto, concebe-se Arte como um produto interno que reflete a organização mental, cuja finalidade, na escola é a de permitir que o aluno expresse seus sentimentos e libere suas emoções. A Arte, portanto, não é ensinada, mas expressada. A criança procura seus próprios modelos sem que o professor interfira diretamente no seu processo criador. O professor é tão somente um facilitador de experiências, que proporciona o ambiente necessário- situações e materiais- para o livre desenvolvimento das crianças.

O educador norte americano John Dewey, importante referência quando o assunto é educação democrática e —Escola Nova, se contrapõe ao conceito modernista de Arte somente como expressão ao defender a Arte como experiência. A experiência é a interação da criatura viva com as condições que a rodeiam. A experiência ocorre continuamente, porque a interação da criatura viva com as condições que a rodeiam está implicada no próprio processo de vida. Sob condições de resistência e conflito, aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação qualificam a experiência com

emoções e ideias... (Dewey, 1980, p. 91).

Segundo, Dewey, enquanto experiência, a Arte faz parte das relações que o homem estabelece com seu entorno, isto é, a Arte ganha um caráter prático e articula-se com a vida e a cultura. Uma experiência possui uma unidade que lhe identifica, a existência desta unidade está constituída por uma qualidade que penetra toda a experiência, apesar das diferenças de suas partes constitutivas. Essa unidade não é somente emocional, prática ou intelectual, no entanto tais adjetivos podem servir para caracterizar uma experiência, pois ao olhar uma experiência pode-se observar a predominância de uma dessas propriedades.

As experiências com obras de Arte têm como característica predominante a qualidade estética, no entanto, a qualidade estética não é privilégio das experiências com a Arte. Para esse autor, a qualidade estética está presente em todas as experiências, O educador norte americano John Dewey, importante referência quando o assunto é educação democrática e —Escola Nova, se contrapõe ao conceito modernista de Arte somente como expressão ao defender a Arte como experiência. A experiência é a interação da criatura viva com as condições que a rodeiam.

A experiência ocorre continuamente, porque a interação da criatura viva com as condições que a rodeiam está implicada no próprio processo de vida. Sob condições de resistência e conflito, aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação qualificam a experiência com emoções e ideias... (Dewey, 1980, p. 91).

Segundo, Dewey, enquanto experiência, a Arte faz parte das relações que o homem estabelece com seu entorno, isto é, a Arte ganha um caráter prático e articula-se com a vida e a cultura. Uma experiência possui uma unidade que lhe identifica, a existência desta unidade está constituída por uma qualidade que penetra toda a experiência, apesar das diferenças de suas partes constitutivas. Essa unidade não é somente emocional, prática ou intelectual, no entanto tais adjetivos podem servir para caracterizar uma experiência, pois ao olhar uma experiência pode-se observar a predominância de uma dessas propriedades. As experiências com obras de Arte têm como característica predominante a qualidade estética, no entanto, a qualidade estética não é privilégio das experiências com a Arte. Para esse autor, a qualidade estética está presente em todas as experiências, contribuindo assim, para a produção artística de todos.

4. A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Refletiremos a seguir sobre a importância do trabalho com as linguagens artísticas na formação de professores baseando-nos em alguns conceitos teóricos.

A formação inicial e continuada deve primar e garantir uma formação para ampliação do repertório dos professores e investir nos saberes didáticos das diferentes linguagens artísticas dos professores. Uma formação em que os professores possam refletir sobre a arte na constituição do ser, que possam vivenciar e aplicar esses conhecimentos nas diferentes linguagens das artes: plásticas, da música, da dança, da literatura, da fotografia ou outras, e em atividades com as crianças.

Na nossa sociedade, não é raro a arte ser considerada objeto de criação e apreciação para a elite, na qual apenas pessoas cultas e/ou bem-dotadas, e com alto nível socioeconômico têm acesso ou possibilidade de produção. Vygotski (2009, p. 51) faz críticas a essa visão quando nos mostra que "a criação é destino só dos eleitos e é uma opinião muito difundida de que só tem quem tem um dom ou um talento especial vai desenvolvê-lo.".

A arte não deve ser restrita à minoria com refinados recursos materiais ou apenas às pessoas que estão em melhor condição de escolarização, ainda mais quando levamos em consideração a grande desigualdade presente em nossa sociedade.

É muito comum ver arte em seu próprio conceito desvalorizada em situações cotidianas, pois é comum ouvir que quando uma criança está fazendo bagunça, ela está fazendo "arte" ou ainda a arte é vista como uma disciplina secundária, como se pode notar em muitas escolas que simplificam as linguagens artísticas a uma postura reducionista: a "arte" para enfeitar mural, fazer uma apresentação para os pais, ou até mesmo como sendo um passatempo.

De acordo com Vasconcelos (2011) ressalta que a produção artística está diretamente ligada com a capacidade humana de simbolizar a realidade. E ao simbolizar as pessoas reinterpretam e reinventam o real. Essas ações expandem o imaginário, a fantasia, desenvolvem a criatividade e aprimora as estratégias de raciocínio, o que possibilita um refinado desenvolvimento da inteligência. Essas características são observadas por Iavelberg ao afirmar que:

A arte promove o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos necessários a diversas áreas de estudos; entretanto, não é isso que justifica sua inserção no currículo escolar, mas seu valor intrínseco como construção humana, como patrimônio comum a ser apropriado por todos. [...] Privar o aluno em formação desse conhecimento é negar-lhe o que é de direito. (IAVELBERG, 2003, p.

9). Segundo Vygotski é preciso ficar claro que a criação não vem do nada e é um processo de apropriação da cultura.

No processo de apropriação da cultura, não só a criança assimila a produção cultural e se enriquece com ela, como a própria cultura reelabora em profundidade a composição natural de sua conduta e dá uma orientação nova ao curso do desenvolvimento. É um trabalho de construção do homem sobre o homem. (VYGOTSKI, 2009, p. 10).

Para tanto, fica evidente a importância da cultura na constituição do ser. Portanto, o desenvolvimento da criança está intimamente relacionado com a apropriação da cultura. Essa apropriação se dá por uma participação ativa da criança na cultura, pois "a diversidade e a complexidade dessas relações sociais internalizadas são constitutivas do drama experienciados pelos sujeitos." (VYGOTSKI, 2009, p. 8). Essa apropriação se coloca também para a formação dos professores, já que são sujeitos de uma cultura constituída por um repertório artístico.

Ostetto (2007, p. 35-6) corrobora com essa ideia quando diz que "não é mesmo novidade dizermos que é pelas diferentes experiências com/no mundo sensível que a criança vai se apropriando de formas mais complexas de ver e ler esse mesmo mundo sentido.". Com esses excertos podemos destacar que a criança e o professor estão imersos na cultura e quanto mais enriquecidas forem suas experiências de aprendizagem mais oportunidades de desenvolvimento poderão ter.

Para tanto é necessária uma Educação Infantil que tenha como preocupação inserir as crianças e os professores nas práticas culturais, bem como oportunizar diferentes experiências de conhecimento das diferentes linguagens artísticas, e que trabalhem com a ideia de uma escola como sendo o lugar privilegiado para desenvolver com qualidade as linguagens artísticas.

Trabalhar com as linguagens artísticas exige trabalhar com a atividade criadora da imaginação e depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais terá material disponível para a imaginação. A vivência do mundo simbólico e a ampliação das experiências fornecem elementos para a representação infantil em contato com o outro. Portanto, podemos concluir que as diferentes manifestações artístico culturais influenciam muito na formação do ser humano, na sua aprendizagem e no seu entendimento de mundo.

Ao pensar em formação de professores é preciso considerar também o percurso de formação e de transformação de cada um, é preciso saber das histórias de vida. Como nos aponta Moita (1995) ao colocar o lugar das histórias de vida dos professores.

A formação de professores no que tange às diferentes linguagens artísticas deve ser marcada pela estética. Estética entendida como conhecimento pelos sentidos. O que integra o sensível ao conhecimento. Pois "todos nós temos uma visão estética do mundo, construída e influenciada por nossa cultura, pelas crenças, costumes, valores morais e éticos." (WEISZ, 2002, p. 102). E "a formação em artes de uma criança pequena é uma formação estética." (BARBIERI, 2012, p. 114). No próximo capítulo iremos apontar algumas propostas interessantes de formação de professores sob a ótica de alguns teóricos que trabalham com o conceito de reflexividade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte é uma manifestação do pensamento humano, ela é um modo pelo qual as pessoas têm de se expressarem, de manifestarem e até mesmo protestarem, ela mistura o lado racional com o lado sentimental, sendo a mais profunda manifestação do sujeito mediante a sua sociedade, cultura e valores que lhe são incutidos desde criança.

A arte permite que o ser humano consiga se libertar de toda a sua dor e raiva fazendo com que os outros percebam esses sentimentos, ou pelo menos aqueles que possuem maior percepção.

Consideramos que é importante uma formação que possibilite aos professores vivências significativas de criação, expressão e interação com a arte. No entanto sabemos que essa discussão está longe de se esgotar, pois entendemos que o desenvolvimento profissional deve ser permanente e necessita de um processo constante e contínuo de estudo, reflexão, discussão, confrontação e experimentação coletiva.

Buscar compreender como os professores constroem seus saberes, analisar suas representações constituídas a partir das experiências vividas dentro do contexto cultural, histórico e social em que estão inseridos, e investigar de que forma essas representações se refletem na constituição de sua identidade profissional e sustentam suas ações educativas com as crianças, pode reunir ser elementos importantes para a orientação de processos e de estratégias de formação que possibilitem a reflexão e a ressignificação de crenças, valores, concepções e ações desse professor.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, S. Interações: onde está a arte na infância? São Paulo: Blucher, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. Recorte e Colagem. A influência de John Dewey no ensino da arte no Brasil 2 ed. São Paulo: Cortez, 1982.136p.

_____. Teoria e Prática da Educação Artística. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1975.115p

BARROCO, S. M. S.; CHAVES, M.; FAUSTINO, R. C. Intervenções pedagógicas na educação escolar indígena: Contribuições da Teoria Histórico Cultural. 2.Ed. Maringá: Eduem, 2010.

_____. S. M. S. Psicologia Educacional e Arte. Uma leitura histórico-cultural da figura humana. Maringá: Eduem, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF. V. 3, 1998. BRASIL. 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

COLL, C. Psicologia e currículo: uma aproximação psicopedagógica a elaboração do currículo escolar. São Paulo: Ática, 1998.

FERREIRA, Aurora. A Criança e Arte: O dia a dia na sala de aula. 3ª ed. Rio de Janeiro, Wak Ed. 2008.

FUSARI, M. F. de R.; FERRAZ, M. H. C. de T. Metodologia do Ensino de Arte: Fundamentos e proposições. São Paulo: Cortez, 2009.

IAVELBERG, Rosa. Para Gostar de Aprender Arte; Sala de Aula e Formação de Professores. Porto Alegre, Artemed, 2003.

KOSIK, K. Dialética do concreto. São Paulo: Paz e Terra. 1995.

LIBÂNEO, J. C. Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 21 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

LOWENFELD, Viktor. A Criança e sua arte: 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977. 224 p.

_____. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo: Mestre Jou, c1970. 440 p.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. Didática do Ensino da Arte a Língua do Mundo: Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

READ, H. A Educação Pela Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

SAVIANI, N. Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo, método no processo pedagógico. 4 ed. Campinas, SP: Autores associados, 2003.

VYGOTSKY, Lev. A Formação Social da mente. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.